

Incentivo ao comércio de jóias e metais preciosos

por Lulza Pastor
de Brasília

A idéia de viabilizar a implantação, em Brasília, de um pólo indutor da atividade joalheira e de industrialização e comércio de gemas e metais preciosos é um sonho antigo da capital federal, geograficamente privilegiada por sua localização central em relação aos principais centros produtores da matéria-prima para o setor. Mas foi só neste ano que se definiu um plano concreto a seguir, com a elaboração, pelo Serviço de Assistência às Pequenas e Micro-Empresas (Sebrae) do Distrito Federal, de um Programa para o Pólo de Gemas, Jóias e Bijuterias.

A proposta do trabalho, elaborado a pedido do governo do Distrito Federal e com o apoio da Cooperativa dos Produtores de Gemas, Jóias e Afins (Coopergemas), é ampliar a participação de Brasília no mercado nacional. Atualmente,

estima-se que esse mercado exporte, pelas contas oficiais, algo em torno de US\$ 170 milhões anuais; cálculos officiosos, entretanto, dão conta de que cruzam as fronteiras, provenientes de jazidas e veios brasileiros, valores próximos a US\$ 1,5 bilhão.

"Nossa intenção, com o pólo, é ampliar a participação de Brasília para 10% desse mercado", explica Walid El Koury Daoud, diretor executivo da Coopergemas e principal articulador e consultor do programa. Para isso, ele espera a implantação, na região, de 1,5 mil micro e pequenas empresas, que gerarão cerca de 20 mil empregos diretos e indiretos. A médio prazo, a meta idealizada por Daoud é ver o Distrito Federal respondendo por exportações de US\$ 50 milhões, chegando a longo prazo a US\$ 100 milhões.

Além de incentivar as exportações e permitir maior ingresso de divisas interna-

cionais no País, o programa pretende ampliar o fluxo anual de turistas estrangeiros que visitam Brasília e cujo número caiu dos 32 mil registrados em 1989 para 15 mil no ano passado. "Todo turista que entra no Brasil quer levar alguma jóia ou pedra brasileira para casa e saber que há um pólo específico para isso aumentaria o interesse na cidade, que sofreu diminuição do número de visitantes em razão da crise econômica internacional", aponta Daoud.

A divulgação do pólo brasiliense, acredita o diretor da Coopergemas, deverá permitir também um incremento à formalização do setor em nível nacional, desde que aliada a uma revisão tributária. Atualmente, em razão do pequeno tamanho e alto valor dos produtos e à incidência de impostos que chegam a 50% do valor no caso de jóias, a maior parte do volume comercializado sai por vias informais. "Nós defendemos que as gemas sejam tratadas como ativos financeiros, com imposto de 1%", ressalta Daoud, lembrando que é "inviável" ter um imposto de 17% a 18% de ICMS incidindo sobre diamantes, por exemplo, "que têm uma margem de lucro de 10%, apenas".

O pólo também espera atrair a realização de consórcios de micro e pequenas empresas visando ao comércio exterior e à captação de recursos financeiros e know-how provenientes de "joint ventures". Para cumprir todas essas metas do programa, os projetos nele estabelecidos partem de três vertentes principais: capacitação tecnológica, mediante treinamento de recursos humanos e fornecimento de informações sobre os mercados existentes e potenciais; industrialização e comércio e turismo.

A viabilização do pólo, para o qual se espera atrair empresas de todo o País, principalmente nas áreas de joalheria e lapidação, além de fornecedores de equipamentos e insumos para o setor, deverá estar totalmente concretizada a partir de janeiro de 93 e completa até o final da década, segundo Daoud. Dentro do programa, nesse sentido, está prevista a criação de um Centro de Treinamento em Recursos Humanos, um Núcleo Setorial de Informações, Laboratório de Gemas e Metais Preciosos, Feira Permanente de Gemas, Jóias e Bijuterias, Museu Geológico, Parque Industrial, Feira Internacional de Gemas e Jóias e de uma Bolsa de Jóias e Metais Preciosos.

A matéria-prima, de acordo com Daoud, não deverá preocupar os empresários interessados em instalar-se no Distrito Federal. Afinal, lembra ele, "Brasília não produz uma gema sequer", descartando a possibilidade de despertar ciúmes comuns entre áreas produtoras e concorrentes. Além disso, a localização geográfica da cidade também ajuda: "Estamos bem no centro das principais regiões produtoras, como Bahia, Rio Grande do Norte, o Nordeste como um todo, Rondônia, Rio Grande do Sul, e Minas Gerais e boa parte da matéria-prima passa obrigatoriamente por aqui, só precisamos agora dar-lhe motivos para ficar na região", resume.